

RESUMO

Enfoca-se neste artigo a contribuição de José Martí, enquanto educador e articulador de movimento social. Aprofunda-se sua concepção de Educação que conjuga ideário pedagógico e ação política na educação das massas, apresentando suas idéias e práxis independentistas, latino-americanas e anti-imperialistas. Concepções que contribuem para uma educação libertadora e para a formação de novas gerações de homens livres.

ABSTRACT

This work is focussed upon the contribution provided by José Martí, an educator and social movement articulator. The work points out his conception of Education, which allies pedagogic ideals and political action into educating masses, and presents Martí's independent Latin American and anti-imperialist ideas and practice. Conception what contribute for a liberator education and to formation of new generation of free man.

O IDEÁRIO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO EDUCADOR SOCIAL JOSÉ MARTÍ

*Jair Reck**

*Maria Aparecida Morgado***

*Armando Sílvio Montero de Miranda****

A necessidade do debruçar-se sobre o histórico dos movimentos sociais e seus gestores, leva-nos a apresentar José Martí¹ enquanto educador e articulador de um movimento social e estudar sua concepção de educação, conjugando seu ideário pedagógico com seu ideário da ação política na educação das massas.

Na primeira parte deste texto, apresentamos a figura de José Martí através de sua trajetória de vida e ideal de justiça, sua multiplicidade interativa, através de seus escritos e funções exercidas.

Na segunda e última parte, destacamos o lugar ocupado pelo ideário pedagógico de José Martí, onde auscultamos seus conceitos sobre a educação, suas finalidades, princípios e valores.

Certifica-se que, a partir do caminho do mestre, é possível desvelar o autêntico educador e articulador de movimento social, sua proposta e práxis de libertação, indicando-nos as veredas para o perfil histórico libertador da humanidade.

* Mestre em Educação. Área de Concentração Educação Cultura e Sociedade. UFMT. Professor da UNIC-Universidade de Cuiabá, e na Assessoria de Avaliação da Secretaria de Estado de Educação-SEDUC-MT. (jreck@bol.com.br).

** Doutora em Psicologia Social, pela PUC-SP e Professora do IE – UFMT.

*** Doutor em Ciências Pedagógicas, Opção Psicologia Social, Universidad "Climent Ojridsky", Sofia, Bulgária. É Professor e membro do Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UCLV – Santa Clara – Cuba.

1 Artigo extraído da Dissertação de Mestrado de Jair Reck, defendida no IE- UFMT sob a orientação dos Professores: Dra. Maria A. Morgado e Dr. Armando S. Montero de Miranda.

TRAJETÓRIA DE VIDA E IDEAL DEMOCRÁTICO

A relevância da trajetória de José Martí, é compreendida através da diversidade de seu mundo geográfico, histórico e cultural, relacionada às suas estadas pelos diversos países, à sua esmerada formação e a construção do seu ideário político-pedagógico. Estudando essa biografia buscamos refletir a vida e as ações desse ser humano excepcional.

No intento de retratar a condição de José Martí como educador-gestor e organizador de movimento social, buscamos através de sua ação política, educativa, em suas obras literárias, em suas idéias e esperanças, desenvolver uma compreensão sobre este homem que, antes de completar dezoito anos, após ter sido preso político, saiu de sua ilha e regressou, aos 42 anos, para lutar em prol da revolução que ele organizou, e em cujos primeiros combates veio a morrer. José Martí deixou milhares de páginas escritas, fazendo previsão em política, em educação e em arte, que até hoje é citado pelos estadistas, os mestres, os escritores e homens sensíveis.

Em 28 de janeiro de 1853 nascia, em Havana, José Martí Pérez. Filho de espanhóis humildes (Mariano e Leonor), que a necessidade levou à Ilha, onde se conheceram e casaram. Tiveram mais sete filhos após José Martí. Foram, como disse o próprio Martí, "*pobres, muy pobres*". Para sobreviver às necessidades mais urgentes, o pai precisou desempenhar diversas atividades, algumas das quais o filho homem teve de acompanhar, às vezes distante de Havana.

Quando tinha quinze anos estourou a guerra em Yara, Oriente, em 10 de outubro de 1868 – a Guerra cubana contra a Espanha –, que se estendeu em sua primeira parte por dez anos. Martí, mesmo filho de espanhóis, aderiu desde o primeiro momento a "*la causa de Yara*". Publicou clandestinamente um soneto *10 de outubro!* ("*del ancho Cauto a la Escambray Sierra/Truena el cañon...*"). Contribuiu na edição, no começo de 1869, primeiro de *El Diablo Cojuelo*, e, logo, do semanário democrático cosmopolita *La Patria Libre*, os quais não passaram

do primeiro número. Neste último, deu a conhecer seu poema dramático *Abdala*. Ali, Martí, só completando 16 anos, escreveu a profecia de sua vida. O jovem Abdala² devia defender a sua pátria, *Núbia* (clara alusão à Cuba), frente ao opressor, apesar dos pedidos de sua irmã e de sua mãe, em cujos braços acabaria por morrer. A mãe que tentava em vão detê-lo, impedi-lo; Abdala explicava:

*El amor, madre, a la patria
No es el amor ridículo a la tierra,
Ni a la yerba que pisan nuestras plantas;
Es lo odio invencible a quien la oprime,
Es el rencor eterno a quien la ataca;
Y tal amor despierta en nuestro pecho
El mundo de recuerdos que nos llama
A la vida otra vez (...)* (MARTÍ, 1991, t. 18, p.11-24)

Em seguida, o colégio de Mendive onde Martí estudava foi fechado, e o seu Mestre Mendive encarcerado e depois deportado. Posteriormente, num incidente menor, os “voluntários espanhóis” organizados para combater os cubanos entraram na casa de um fraterno amigo de Martí, Fermín Valdés Domínguez (1852-1910), encontraram ali uma carta que se acusava de apostasia um companheiro destes por haver ingressado no exército espanhol. A carta estava assinada por Martí e Valdés Domínguez. Em 21 de outubro de 1869 eram presos. No julgamento, em 4 de março de 1870, Martí iria requerer energicamente a paternidade da carta e o direito de Cuba à sua independência. Percebe-se em Martí, desde a sua juventude, o seu caráter, a sua personalidade ética, verdadeira e honesta. Ao assumir a responsabilidade pela paternidade da carta, livrou seu companheiro, mesmo diante dos perigos que haveria de enfrentar. É condenado a 6 anos de prisão. Em 4 de

2 Abdala é o personagem central e ao mesmo tempo o nome de uma peça teatral de autoria de José Martí, escrita ainda na sua juventude. Através desse personagem, Martí expressa seus amores, sonhos, planos e aspirações relacionados à defesa e liberdade de sua pátria.

abril o levaram a realizar trabalhos forçados em construções, e 6 meses depois, por interferência de seu pai com o responsável pelas construções, foi enviado à Ilha de Pinos. Finalmente foi trocada a pena pelo exílio na Espanha, para a qual partiu em 15 de janeiro de 1871. Iria completar 18 anos, e já havia vivido uma prisão. Horas antes de tomar o barco, ele escreveu a Mendive:

Mucho he sufrido, pero tengo la convicción de que he sabido sufrir. Y si he tenido fuerzas para tanto y si me siento con fuerzas para ser verdaderamente hombre, sólo a ud. lo debo y solo de ud es cuanto de bueno y cariñoso tengo. (RETAMAR, 1995, p. 18)

Após poucos meses de chegada, no mesmo ano de 1871, publicou em Madri sua alegação extraordinária *El presidio político en Cuba*, em tom às vezes realista e simbólico, impregnado de sabor bíblico, onde denunciava a espantosa situação do presídio político em Cuba. Percebe-se que, apesar da sua pouca idade, face à sua precocidade genial e às tremendas provas a que havia sido submetido, tudo isto fazia dele um homem maduro no momento em que deixou o país.

Sua vida na Espanha (1871-1874) foi dura, porém importante para ele. Ali ele veio a reunir-se com Valdés Domínguez, também deportado após um processo iníquo, que culminou com o fuzilamento de oito estudantes de Medicina, em 27 de novembro de 1871. Foi trabalhar dando aulas, estudou de maneira irregular, até concluir seu bacharelado em Direito, Filosofia, e Letras nas universidades de Madri e Zaragoza. Polemizava nos diários sobre questões cubanas, e em 1873 publicava um novo capítulo: *La República Española ante la Revolución Cubana*. Cobrava que a república falida espanhola fosse coerente com seus princípios no que se refere à Cuba, a qual não havia sido. Na Espanha, Martí via os caminhos de sua política; por outro lado, valorizava as virtudes do povo e se familiarizava com os clássicos espanhóis, com seus pintores, místicos e estoicos. Ali, nos disse ele, “*rompió su corola / la poca flor de mi vida*”.

Deixou a Espanha no final de 1874. Conheceu, de passagem, a França e foi ao México, via Southampton e Nova Iorque. Chegou ao México em 8 de fevereiro de 1875, reuniu-se com sua família que havia se estabelecido temporariamente nesse país, adquiriu amizades profundas, sobretudo a de Manuel A. Mercado, e conheceu quem seria sua esposa, a cubana Carmen Zayas Bazán. Tornou-se jornalista e crítico (colaborando especialmente na *Revista Universal*, sobretudo com o pseudônimo Orestes), e se interessava pelas lutas dos trabalhadores.

Os desmandos políticos do México, neste caso, o golpe de Estado de Porfírio Díaz de 1876, fizeram com que ele tivesse que deixar o país. Assim, abandonou o México, Guatemala e Venezuela, países em que viveu entre 1875 e 1887, com ocasionais estadas na Espanha, a qual deixaria de novo (1879), em Nova Iorque (1880) e na própria Cuba. Na Guatemala foi professor, e para homenageá-la escreveu uma revista denominada *Guatemalteca*, publicada no México em 1878. Na Venezuela, editou uma revista que só conheceria dois números: *La Revista Venezolana* (1881), na qual estão alguns importantes trabalhos literários de Martí. Segundo Retamar (1995), é grande a influência destes trabalhos na juventude por todas as partes, por onde Martí passava. Esteve em Cuba em duas ocasiões: em 1877, com seu segundo nome e segundo apelido, Julián Pérez, e visitou rapidamente Havana, em 1878. Tendo renunciado à cadeira de professor que desempenhava na Guatemala em solidariedade a um amigo deposto pelo presidente Barrios, voltou a seu país, no qual conheceu a trégua após a Guerra dos Dez Anos. Desta vez Martí trabalhava em um Cartório de Advocacia, porém, falava publicamente de suas convicções revolucionárias e se juntou a atividades conspirativas, pelas quais seria deportado à Espanha no ano seguinte de 1879. Desta vez viria a permanecer uns dois meses na Espanha, de onde voltou a passar por Nova Iorque, 1880, e Caracas, 1881, até regressar a cidade anterior em meados de 1881.

Sua existência andarilha, às vezes exilado, outras para ganhar a vida, outras para preparar a revolução, não encon-

trou repouso senão a partir deste momento em que foi fixar-se em Nova Iorque. Permaneceu nos EUA até 1895, sem viajar ao estrangeiro nos primeiros anos, com idas rápidas a partir de 1892, para o Haiti, Santo Domingo, Jamaica, Panamá, Costa Rica, México, quando já estava dedicado à preparação da revolução. Esta maneira de encarar a vida veio a contribuir para a separação da cubana Carmen Zayaz Bazan, com quem havia casado em 1877, no México; apesar dos esforços de reconciliação em torno do filho, em 1881 a ruptura foi definitiva. Martí uniu-se a outra mulher, a cubana Carmen Miyares, uma viúva de Nova Iorque que possuía filhos os quais ele queria como seus, especialmente a mais nova a qual ele viu nascer em 1880 e à qual escreveria mais tarde, Maria Mantilla.

Nas suas estadas pelas repúblicas latino-americanas despertou para uma unidade maior que ele chamaria de “Nossa América”, dentro da qual estava articulada Cuba.

Martí viveu nos EUA no momento em que aquele país passava do capitalismo pré-monopolista para o capitalismo monopolista e imperialista. Quanto a isto, dizia Martí: “vivi no monstro e conheço suas entranhas”. Fase esta que levou os EUA a sobreporem-se ao mundo e em primeiro lugar sobre a América Latina e, em particular, sobre Cuba. Sua sensibilidade e profundo conhecimento desta realidade torná-lo-ia, como diz RETAMAR (1995), “o primeiro anti-imperialista cabal do continente”.

Ao mesmo tempo em que sua fama se espalhava pelo Continente, seus trabalhos se multiplicavam. Desde 1887, era cônsul do Uruguai em Nova Iorque. Em 1888 foi nomeado representante nos EUA e Canadá da Associação de Imprensa de Buenos Aires. Em 1889 se pôs a escrever uma revista integralmente para crianças – *La Edad de Oro* –, da qual seriam publicados apenas quatro números; pois o editor, diria Martí, na *Carta a Manuel Mercado*, de 26 de novembro de 1889, “por crença ou medo de comércio, queria o editor que eu falasse do temor de Deus, e que o nome de Deus e a tolerância e o espírito divino estivessem em todos artigos e histórias”.

Martí se pôs a falar com jovens para explicar-lhes, como

um mestre paternal, coisas de histórias vistas com olhos descolonizados, para dizer-lhes contos e poesias que anunciava em seus *versos sencillos*, e sobretudo, como diz Retamar (1995), “para acender-lhes o amor à pátria hispanoamericana, aos heróis e aos humildes, para acostumá-los à verdade, à justiça e à beleza”.

Ao final dos anos 1890, Martí foi cônsul em Nova Iorque, não só do Uruguai, mas ainda, da Argentina e do Paraguai, e também foi presidente da Sociedade Literária Hispano-Americana e presidente honorário da liga *Sociedad de Negros*, na qual servia como professor. Foi nomeado, pelo Uruguai, seu representante na Conferência Monetária Internacional Americana (Washington, 07 de janeiro a 08 de abril de 1891). Martí iria opor-se tenazmente às teses que inicialmente propuseram os EUA. Washington pretendia obter uma moeda comum, tanto para os EUA como para os países latino-americanos. Com isto, vincularia estes países aos EUA e mantê-los-ia separados dos países europeus, cuja relação era proveitosa para a nossa América. Martí advertia:

Ni en los arreglos de la moneda, que es el instrumento del comercio, puede un pueblo sano prescindir por acatamiento a un país que no le ayudó nunca, o lo ayuda por emulación y miedo de otro, de las naciones que le anticipan el caudal necesario para sus empresas, que le obligan el cariño con su fe, que lo esperan en las crisis y le dan modo para salir de ellas, que lo tratan a la par, sin ser arrogante, y le compran sus frutos.

(MARTÍ, 1991, t. 6, p. 161)

Em 1891 Martí veio a dedicar-se diretamente à tarefa revolucionária diante da proximidade de um novo estado de guerra pelo qual se avizinhava Cuba. Em outubro ele renunciava aos Consulados da Argentina, Uruguai e Paraguai, e, logo depois, à presidência da Sociedade Literária Hispano-Americana. Manteve apenas algumas aulas noturnas de espanhol para sobrevivência.

Através de sua influência pessoal, foi além de Nova Ior-

que, a Tampa, onde havia emigrados cubanos que pediam pela sua presença. Lá chegou em 25 de novembro, e no dia seguinte eram aprovadas resoluções decididas com estes cubanos de Tampa; este documento seria um prólogo das teses do futuro Partido Revolucionário Cubano. Martí fez um discurso *Com todos e para o bem de todos*, que era uma visão da futura república.

Em 5 de janeiro de 1892 eram aprovadas, em Cayo Hueso, por representantes da emigração e da localidade de Tampa e de Nova Iorque, as bases do Partido Revolucionário Cubano, o qual devia se constituir, dizia o primeiro artigo desta, a base para “alcançar a independência absoluta da Ilha de Cuba, e fomentar e auxiliar a de Porto Rico”.

Em 1892, regressava a Nova Iorque, feliz por ter lançado as bases daquele Partido Revolucionário que, dez anos antes, havia mencionado em carta a Gómez, de 20 de julho de 1882. Pela primeira vez em nossa América criava-se um partido político revolucionário (obrigatoriamente multiclassista, porém, centrado nos trabalhadores, “os pobres da Terra”), para preparar e orientar uma guerra de libertação nacional, e mais: para “*que na conquista da independência de hoje vai os germes da independência definitiva de amanhã*” (MARTÍ, 1991, t. 1, p. 389).

Antecedendo a proclamação oficial do Partido Revolucionário Cubano, Martí criou um jornal denominado *Patria*, cujo primeiro número apareceu em 14 de março de 1892. Neste periódico estavam contidas as bases do partido e o artigo programático *Nossas idéias*.

Em 1893, tendo passado pela Jamaica e pela Costa Atlântica dos EUA, orientando e organizando os centros de exilados, voltou a Santo Domingo onde falou com Máximo Gómez³, e foi a Costa Rica para falar com Maceo, outro grande prócere que somaria na luta de Libertação contra a Espanha.

Em 1894 era Gómez quem ia a Nova Iorque – os cuba-

³ Máximo Gómez era dominicano de nascimento, mas latino-americano de sentimento. Identificava-se com a luta emancipatória cubana desde 1868 e acompanhou-a até 1898, como o “Generalíssimo”, como o forte braço armado na luta contra a Espanha.

nos já sentiam a iminência da revolução. Martí viajou ao México para arrecadar auxílio e fundos.

A guerra era questão de dias, ao romper em 1895. Porém, em 10 de janeiro, uma notícia terrível estremeceu Martí. Três barcos carregados de armas com destino a Cuba, e cuja compra havia empenhado boa parte dos fundos trabalhosa-mente arrecadados durante 3 anos, foram apreendidos no porto da Flórida, ou em viagem a Oeste. Um advogado norte-americano, amigo de Martí conseguiu recuperar parte do carregamento.

A reação na Ilha e por parte da emigração é surpreendente e de entusiasmo; ao reconhecer a grandeza dos preparativos, Martí reacende-se. Em janeiro ordena o levante para as próximas semanas.

Em 30 de janeiro, partia de Nova Iorque para encontrar-se com Gómez. Em 24 de janeiro estourava a guerra em vários lugares da Ilha. Em 25 de março, Gómez e Martí lançam o *Manifiesto de Montecristi*, assim chamado por ser o lugar em Santo Domingo onde foi firmado, explicando ao mundo que:

...la revolución de independencia iniciada en Yara después de preparación gloriosa y cruenta, ha entrado en Cuba en un nuevo período de guerra, en virtud del orden y acuerdos del Partido Revolucionario en el extranjero y en la Isla, y de la ejemplar congregación en él de todos los elementos consagrados al saneamiento y emancipación del país, para bien de América y del mundo.
(MARTÍ, 1985, p. 133).

Em 10 de abril, abandonava as terras Haitianas rumo a Cuba, com escala na Ilha de Inagua, nas Bahamas. Acompanhavam-nos outros 4 revolucionários. No dia 11 chegavam a Cuba antes da meia noite na zona chamada Playitas, ao sul do Oriente. Adentraram as montanhas e logo estabeleceram contatos com os insurretos. No diário de campanha em 14 de abril, Máximo Gómez *apud* RETAMAR, 1995 escreveu: “Nos

admiramos, los viejos guerreros acostumbrados a estas durezas, de la resistencia de Martí que nos acompaña sin flojeras de ninguna especie, por estas escarpadíssimas montañas". Em 15 de abril Martí foi nomeado General Maior.

Em 18 de maio, Martí escreveu sua última carta, a que ficará sem conclusão, explicando abertamente a seu amigo Manuel Mercado a magnitude da tarefa que o mesmo se impôs: *"impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas, los EUA y caigan, con esa fuerza mas, sobre nuestras tierras de América. Cuanto hice hasta hoy, y haré es para eso"*. No dia 19, num lugar chamado Boca de Dos Rios, uma coluna espanhola os surpreendeu. Martí, contra a ordem de Gómez de retirar-se para a retaguarda, avançou com seu ajudante Angel Miguel de la Guardia pela guarda lateral, caindo ferido de morte. A tropa cubana não pode recuperar seu corpo. *"Os espanhóis o levaram para ser enterrado em Remanganagua e no fim, em 27 de maio, foram trasladados seus restos em tosco ataúde para Santiago de Cuba"* (GÓMEZ, 1968, p. 285).

O Ideário Político-Pedagógico de José Martí: dos conceitos, princípios e finalidades da educação

Que concepção de Educação preside o trabalho de José Martí enquanto Educador-Social?

Para José Martí, o homem é a força viva, genuína e criadora com que a sociedade conta, e expressa que do seu grau de educação dependerá o futuro da própria humanidade, segundo a sua compreensão. Entendemos que a educação não se consegue com a pura transmissão de conhecimentos, pois ela não é um mero ato de transformação instantânea, mas constitui-se num processo mais ou menos longo de iluminação-nascimento, de despertar de consciência, de soltar as forças internas do homem para dar impulso à alma pequena, para que se encontre a si mesma. A concepção martiniana ressalta pela sua amplitude, porém, em sua essência, reconhece que

“la educación de los hombres es la forma futura de los pueblos” (MARTÍ, 1961, p. 67).

Nesta sua concepção, percebe-se a necessidade de vincular o estudo ao trabalho e o papel formador deste, na consciência e personalidade integral do ser humano, sobre o que diz MARTÍ (1991, t. 8, p. 428):

El hombre tiene que sacar de sí los medios de vida. La educación, pues, no es más que esto: la habilitación de los hombres para obtener con desahogo y honradez los medios de vida indispensables en el tiempo en que existen, sin rebajar por eso las aspiraciones delicadas, superiores y espirituales de la mejor parte del ser humano.

Em nossa América, José Martí conheceu em profundidade seus homens e suas terras, a cultura e a história. Assim, descobriu a natureza daqueles homens *“desfigurados por los prejuicios”*, modelados por uma educação que tem desterrado de suas almas as forças que os faziam viver: *“la dignidad, la libertad, el valor”*. Isto lhe permitiu denunciar a educação que impõe padrões estrangeirizantes, distantes, desvinculados das diferenças de nossos povos.

El peligro de educar a los niños fuera de su patria es casi tan grande como la necesidad, en los pueblos incompletos o infelices, de educarlos donde adquieran los conocimientos necesarios para ensanchar su país naciente, o donde no se les envenene el carácter con la rutina de la enseñanza y la moral turbia en que caen, por el desgano y ocio de la servidumbre, los pueblos que padecen en esclavitud... Es grande el peligro, por que no se ha de criar naranjos para plantarlos en Noruega, ni manzanos para que den frutos en el Ecuador, sino que el árbol deportado se le ha de conservar el jugo nativo, para que a la vuelta a su rincón pueda echar raíces.

(MARTÍ, 1991. t. 5, p. 260-261)

Percebe-se que Martí estava consciente de que a Educação era um dos fundamentos de sua grande obra de libertação e independência de Cuba, emancipação econômica e política da América Latina. Assim, apontou com clareza em que consistia o dever da educação de nosso povo:

La educación tiene un deber ineludible para con el hombre, no cumplirlo es crimen: conformarle a su tiempo sin desviarle de la grandiosa y final tendencia humana. Que el hombre viva en analogía con el universo, y con su época. (MARTÍ, 1991, t. 8, p. 430)

O grande educador Martí reclamava por uma educação nova, a que ele chama de educação natural, uma via para revelar aos homens sua própria natureza.

Esta educación directa e sana; esta aplicación de la inteligencia que inquiere a la naturaleza que responde; este empleo despreocupado y sereno de la mente en la investigación de todo lo que salta a ella,... este pleno y equilibrado ejercicio del hombre, de manera que sea como de sí mismo puede ser, y no como los demás ya fueron; esta educación natural, quisieramos para todos los países nuevos de la América. (MARTÍ, 1991, t. 8, p. 285-287)

É evidenciado por Martí que a função socialmente crucial em nossos povos é o ensinamento tecnológico, da educação vinculada às necessidades mais prementes de nossas sociedades subdesenvolvidas, ou seja, uma educação com significado para a vida, em que seja substituído o conhecimento indireto e estéril dos livros da escolástica por um conhecimento direto e fecundo da natureza. E ainda salienta que a educação científica deve ir da raiz ao topo da educação:

Divorciar al hombre de la tierra, es un atentado monstruoso, y eso es meramente escolástico, ese divorcio. A

las aves, alas, a los peces, aletas; a los hombres que viven en la naturaleza, el conocimiento de la Naturaleza: ésas son sus alas... que la enseñanza elemental sea ya elementalmente científica: que en vez de la historia de Josué, se enseñe la de la formación de la tierra.

(MARTÍ, 1991, t. 8, p. 277-278)

Martí ressaltava a profundidade das transformações necessárias, identificando-se ali a vivacidade do seu pensamento, em plena consonância e olhar profético para sua época, momento em que o mundo passava por profundas transformações no campo das ciências, influenciando nas novas relações de trabalho, na industrialização, nas novas tecnologias, no rompimento com o pensamento escolástico que predominava até então:

En nuestros países ha de hacerse una revolución radical en la educación... contra Teología, Física; contra Retórica, Mecánica; contra preceptos de lógica, que el rigor consistencia y trabazón de las artes enseña mejor que los degenerados y confusos textos de pensar de las escuelas...

(MARTÍ, 1991, t. 8, p. 281).

Martí, Vai ser ainda mais contundente na sua Crítica ao sentenciar que ao mundo novo há que haver uma Universidade nova, e mais, diz ser criminoso quando do divórcio da educação que recebe-se com a época em que se está vivendo:

Educar es depositar en cada hombre toda la obra humana que le ha antecedido, es hacer a cada hombre resumen del mundo viviente, hasta el día en que vive, es ponerlo a nivel de su tiempo, para que flote sobre él, y no dejarlo debajo de su tiempo, con lo que no podrá salir a flote; es preparar al hombre para la vida... Em tiempos teológicos, universidad teológica. En tiempos científicos, universidad científica. (MARTÍ, 1991, t. 8, p. 281)

É importante salientar que Martí não só conhecia os pro-

blemas de seu tempo e a situação em que se encontrava a caminhada da humanidade, mas refletiu sobre eles. No campo pedagógico, mais especificamente, como está expresso na citação anterior, Martí elaborou idéias que se consideram relevantes sobre como devem ser as escolas e a educação; a importância do ensino contextualizado e adequado com o período histórico, social e econômico do aluno, para a sua plena formação, isto é, que entenda o mundo, a si mesmo e saiba interagir como sujeito crítico, consciente e construtor de sua história. Como podemos certificar:

La mayor parte de los hombres ha pasado dormida sobre la tierra. Comieron y bebieron; pero no supieron de sí. La cruzada se ha de emprender ahora para revelar a los hombres su propia naturaleza, y para darles, con el conocimiento de la ciencia llana y práctica, la independencia personal que fortalece la bondad y fomenta el decoro y el orgullo de ser criatura amable y cosa viviente en el magno universo... Ser culto es el único modo de ser libre.

(MARTÍ, 1991, t. 8, p. 289)

É significativo entendermos a concepção que Martí possuía da escola, de sua função, de seu caráter, de como era e como modificá-la para ser o que deveria ser, de acordo com sua visão. Estas preocupações e pertinentes indicações estão expostas em muitos de seus escritos, com uma evidente intenção em traçar um caminho com pontualizações consideradas essenciais.

Neste sentido, volta-se a atenção neste momento para um artigo, onde aparece exposto seu ponto de vista, clara e sugestivamente. Trata-se de um artigo publicado no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em 14 de novembro de 1886. Foi escrito em Nova Iorque e tem como tema o comentário da criação de escolas naquela grande cidade. Frente à relativa abundância de meios materiais de que dispunha aquelas escolas, Martí observou a deficiência no rendimento escolar e deixou claro, como uma causa da deficiência – como fator essencial –, o trabalho do professor:

...pero mayor bendición sería si la educación que en esas escuelas reciben los niños se asemejase en lo sólido, amplio y espacioso a los edificios en que se distribuye (refere-se à educação), si el carácter, hábitos y formación del cuerpo de maestras se acomodasen a la hermosura, independencia y orden que rebosan en los providentes y elegantes textos que regala a los niños el Estado.

Que vale acumular reglas, repartir textos, graduar cursos, levantar edificios, acumular estadísticas, si las que se ocupan de esta labor son mujeres vencidas en la batalla de la vida, que endurece y agría, o jóvenes descontentas e impacientes que ven como los pájaros afuera de la escuela, y tienen su empleo en ésta como un castigo injusto de su pobreza, como una prisión aborrecible de su juventud, como una preparación temporal incómoda a los fines más gratos y reales de su vida.

No sólo se ve aquí la existencia principalmente por el aspecto de la necesidad de bastar con el trabajo a sus menesteres; sino que se la ve exclusivamente por ese aspecto.

Esta es la preocupación de todos: el miedo, la fatiga. De eso han padecido sin cesar, de eso padecen, el legislador que dispone los cursos, el experto que los aconseja, la maestra que ha de enseñarlos.

A eso proveen: a evitar la angustia que ellos mismos han sentido, a dar al niño los medios rudimentarios de pelear con algún éxito por la existencia.

(MARTÍ, 1961, p. 11)

Partindo de realidades que observava, Martí fez uma crítica tanto de valores positivos como de qualidades distorcidas. A isto se deve que este artigo, escrito há 120 anos, possa ser lido hoje com a clara convicção de que conserva valor para a atualidade. O artigo mantém-se com notável lucidez, princípios e valores permanentes. Traz um claro sentido da função que a escola desempenha na sociedade que a cria e a sustenta, e da dependência íntima entre ambas.

Sabemos, pois, que a escola exerce uma função que de algum modo influencia a sociedade, com sua participação na formação dos jovens, porém, sabe-se que esta função está condicionada em alto grau ao caráter da sociedade mesma, posto que a sociedade cria a escola com características que são como reflexos de seus valores.

Martí observou e descobriu deficiências graves no rendimento das escolas e no tipo de currículo baseado na escolástica; ao que ele advertiu por não cumprirem seu papel de educar de maneira integral os indivíduos. Uma das causas deste fracasso, ele atribuiu à *“falta de espíritu amoroso en el cuerpo de maestros”*, como consequência da *“idea mezquina de la vida que es aquí la carcoma nacional”*.

Diante destas constatações, MARTÍ (1961, p. 12) que acreditava na grande virtude do trabalho do homem e na chama imortal do espírito, capaz de aspirar a ilimitadas transformações e criações, dispôs-se a pensar medidas que seriam necessárias para endireitar o que acreditava estar retorcido:

Gran bendición sería, si las escuelas fuesen aquí como son en mayor grado en esto en Alemania, casa de razón donde con guía juiciosa se habituase al niño a desenvolver su propio pensamiento, y se le pusiera delante, en relación ordenada, los objetos e ideas, para que deduzca así las lecciones directas y armónicas que le dejen enriquecido con sus datos, además que fortificado com el ejercicio y gusto de haberlos descubierto

...aquí son las escuelas meros talleres de memorizar, donde languidecen los niños año atrás año en estériles delectos, mapas y cuentas...; donde el tiempo se consume en copiar palabras y enumerar montes y ríos; donde no se enseñan los elementos vivos del mundo en que se habita...

Contar, sí, eso lo enseñan a torrentes.

Todavía los niños no saben leer una sílaba, cuando ya

les han enseñado, a criaturas de cinco años ! a contar de memoria hasta cien!

! De memoria! Así rapan los intelectos como las cabezas. Así sofocan la persona del niño, en vez de facilitar el movimiento y expresión de la originalidad que cada criatura trae en sí; así producen una uniformidad repugnante y estéril y una especie de librea de las inteligencias.

Infere-se, das advertências e razões apontadas por Martí, o conceito que ele possuía da função, da finalidade da escola e das qualidades que haveria de adquirir para que sua influência formativa nas crianças fosse o que se concebe como desejável. Um grande princípio valorativo por ele expresso é: “*la enseñanza, quién no lo sabe?, es ante todo una obra de infinito amor*”.

É significativa a exaltação da formação das crianças; este enfoque ressaltaremos com maior propriedade no próximo ponto desta pesquisa, onde abordaremos especificamente *La Edad De Oro* e as *Cartas a María Mantilla*. É profundo o significado que é atribuído à experiência com as coisas reais, e à virtude do trabalho, visualizando-se uma escola que busca o conhecimento através do trabalho, da experiência e da expressão pessoal, de respeito à originalidade que cada criatura é capaz.

O remédio para as distorções observadas por MARTÍ (1961, p. 14) nas escolas de seu tempo parece-nos atual para as escolas de hoje, pois ele diz com clareza:

De raíz hay que volcar este sistema...

El remedio está en desenvolver a la vez la inteligencia del niño y sus cualidades de amor y pasión, con la enseñanza ordenada y practica de los elementos activos de la existencia en que ha de combatir y la manera de utilizarlos y moverlos.

El remedio está en cambiar bravamente la instrucción pri-

maria de verbal en experimental, de retórica en científica, en enseñar al niño, a la vez que el abecedario de las palabras, el abecedario de la Naturaleza...

Hombres vivos, hombres directos, hombres independientes, hombres amantes: eso han de hacer las escuelas, que ahora no hacen eso.

Nas críticas à educação, ao modo de ensinar formalista, ele não só advertiu as escolas de Nova Iorque, mas também a um modo corrente e geral, característico das escolas de sua época – não será algo apropriado para caracterizar também o nosso tempo? Seu agulhão por uma educação científica, de acordo com a Natureza e revelador desta, foi um critério mantido permanentemente por MARTÍ (1961, p. 14-15), o que nos faz entender como um conceito maduro e gestado por ele – encontramos esse critério em muitos de seus escritos, exposto sempre com absoluta firmeza. Passemos a algumas amostras:

Se dan clases de Geografía Antigua, de Reglas de Retórica y de atañerías semejantes en los colegios: pues en su lugar deberían darse cátedras de salud, consejos de higiene, consejos prácticos, enseñanza clara y sencilla del cuerpo humano, sus elementos, sus funciones, los modos de ajustar aquéllos a éstas, y señir éstas a aquéllos, y economizar las fuerzas, y dirigirlas bien, para que no haya después que repararlas. Y lo que falta no es ansia de aprender en los discípulos: lo que falta es un cuerpo de maestros capaces de enseñar los elementos siquiera de las ciencias indispensables en este mundo nuevo.

El mundo nuevo requiere la escuela nueva.

De que vale apdrender en las escuelas palabras cuyo sentido no se entiende, números cuyas combinaciones caprichosas huelgan en la mente cual en caja de médico dislocados y fríos huesos, y estos o aquellos límites geo-

gráficos, que una ala de la memoria trae al cerebro, y otra ala se la lleva?

Puesto que a vivir viene el hombre, la educación ha de prepararlo para vivir. En la escuela se ha de aprender el manejo de las fuerzas con que en la vida se ha de luchar.

Escuelas no debería decirse, sino talleres. Y la pluma debía manejarse por la tarde en las escuelas; pero por la mañana, la azada.

Podemos perceber que os requisitos para uma mudança no conteúdo e na forma de ensinar foram enfatizados por Martí como necessários, para que possam ser eficazes, com significado à vida dos estudantes que possuem em si a disposição para aprender, faltando porém aos professores optarem pedagogicamente pela instrução através dos elementos da ciência, algo fundamental ao mundo novo. Vejamos que esta grande questão abordada por Martí ainda no final do século XIX, sobre a eficácia do ensino-aprendizagem, parece-nos atual em face das mudanças que se fazem necessárias no final do século XX e nos primórdios do XXI. Acreditamos não ser apenas uma questão coincidente, mas sim existente por não se haver impregnado nos programas educativos uma visão processual e sistêmica em que, de acordo com as transformações e avanços da ciência e da tecnologia, estes ecoassem e surgissem também de uma escola nova para um mundo que sempre se renova.

O autor fez duras críticas quando o processo de aprender não esteve baseado na experiência pessoal, no trabalho. Para Martí, a experiência e o trabalho teórico ou escolar não deviam ser senão reflexão posterior ou simultânea, porém nunca o contrário. O trabalho, a atividade real é onde se deve apoiar e forjar o conhecimento direto e sólido e, como consequência, a reflexão e a fixação do sentido do que se aprende.

Fica evidente para nós as idéias de progresso pedagógico e escolar em Martí, com o fermento do progresso, das mu-

danças que vinham com a vida nova da industrialização, da ciência, da técnica e da riqueza, e com a paralela memória dolorosa do estancamento tradicionalista e escolástico em que seguiam vivendo, ou ainda vivem, os centros docentes, dos níveis primários, secundário até a universidade.

Suas críticas à estática sujeição aos ideais tradicionais, já inadapitados para a época, desvelaram a necessidade de mudanças na escola para os novos tempos – de ensinamentos teóricos em práticos, de formais em científicos.

Convictos de que não seria possível apontar e comentar com justeza todas as idéias pedagógicas que José Martí deixou em artigos, poesias, novelas e cartas, porém podemos afirmar que são muitas e sábias, tanto em conceitos e amplos critérios, como em detalhes e orientações particulares. Lembramos suas advertências de cunho universal, pois cremos serem ainda pertinentes e certamente transcenderão os séculos, por estarem ligadas a um perfil do ser humano em evolução e se adaptarem a cada um em particular. Ele diz que o saber vale mais que a moeda, pois a moeda como sabemos funde-se e o saber, não; um homem instruído vive da sua ciência, e por levá-la em si não a perde, tornando sua vida fácil e segura. Um povo mais feliz será o que melhor educar a seus filhos na instrução do pensamento e na direção dos sentimentos.

Ao vir à Terra, afirmou Martí, todo homem tem o direito de ser educado, porém, como forma de pagamento, o dever em contribuir na educação dos demais. Vejamos que este princípio, além de revelar a responsabilidade da sociedade para com seus cidadãos também através do princípio da equidade, compromete a cada um na tarefa de tornar um povo livre, pois, como nos disse ele: um povo de homens educados será sempre um povo de homens livres. Porém, a educação é o único meio para se salvar da escravidão; e tão repugnante é um povo que é escravo de homens, de outro povo, ou escravo de si mesmo! Sirvam-nos as amostras aqui apontadas como estímulo a este imensurável ideário pedagógico-libertário.

Referências Bibliográficas

GOMES, Máximo. **Diario de Campaña**, 1868-1889. La Habana: Instituto Cubano del Libro, Edic. Centenario, 1998.

MARTÍ, J. Abdala (1869). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 18, p. 19.

_____. La Conferencia Monetaria De Las Republicas De America (1891). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 6, p. 161

_____. Reforma Esencial En El Programa De Las Universidades Americanas (1884). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 428 – 429.

_____. El Colegio De Tomás Estrada Palma En Central Valeey (1892). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 5, p. 260 – 261.

_____. Reforma Esencial En El Programa De Las Universidades Americanas (1884). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 430.

_____. Trabajo Manual En Las Escuelas (1884). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 287.

_____. Educacion Científica (1883). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 278.

_____. Escuela De Mecanica/Electricidad (1883). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 279 - 284.

_____. Maestros Ambulantes (1884). In: **Obras Completas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, t. 8, p. 289.

_____. El Manifiesto De Montecristi (1895). In: **Paginas Escogidas**. La habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1985, t. I, p.133.

_____. La Nación, (14/11/1886). In: **Ideário Pedagógico**. La Habana, Imprenta Nacional de Cuba, 1961, p. 11-15.

RETAMAR, Roberto F. **Para el perfil definitivo del hombre**. La habana: Letras Cubanas, 1995.